

Especial PCP

Álvaro Cunhal

100 ANOS



VITOR ROS/GLOBAL PHAGENS

Tributo. Comício no Campo Pequeno marca as comemorações do centenário do antigo líder do PCP, que esboça a Questão Agrária numa carta (inédita) ao pai

FRANCISCO MANGAS

Se vivo fosse faria hoje 100 anos. O partido a quem dedicou a vida a assinala a data com um comício, hoje à tarde, no Campo Pequeno, em Lisboa. A imagem de Álvaro Cunhal, que sempre recusara o culto da personalidade, emergiu em força no ano do seu centenário. Múltiplas iniciativas, organizadas pelo PCP e não só, ocorreram e continuam a evocar a múltipla personalidade. O seu legado político continua vivo, garantia Jerónimo de Sousa, recentemente, na abertura do Congresso "Álvaro Cunhal – O projeto comunista, Portugal e o mundo de hoje". Segundo o líder do PCP, "como afirmava Álvaro Cunhal, nem o projeto comunista de uma sociedade nova e melhor deixou de ser válido nem o capitalismo se mostrou ou mostra capaz de resolver os grandes problemas da humanidade". Uma carta, inédita – que a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto vai publicar no livro *Cunhal/Cem anos/100 palavras*, a sair em breve – mostra como o jovem comunista vivia a sua militância. Em agosto de 1951, da Penitenciária de Lisboa, em carta dirigida ao pai e à irmã Eugénia, Cunhal, de repente, fala-lhes da feira de Barcelos e da importância do boi barroco na fatal agricultura de sobrevivência minhota. Da prisão, e numa carta familiar, esboça *A Questão Agrária em Portugal*, que publica em 1968. Ao "pitoresco" e "ridente Minho", que a mãe lhe falava numa outra carta, Cunhal contrapõe uma região miserável "das casas de quarto único, e das 500 mulheres trabalhando nos campos por cada 500 homens". A carta, inédita, pertence ao espólio da Biblioteca Municipal de Barcelos.



ARQUIVO DN

A primeira foto do DN

MEMÓRIA A foto mais antiga de Jerónimo de Sousa no Arquivo do DN foi tirada a 18 de abril de 1975. Então sindicalista, discursava, precisamente, no Campo Pequeno, onde hoje à noite, como líder do PCP, vai homenagear Álvaro Cunhal.

PCP

Uma vida de luta até à derrota final

No século XX português há meia dúzia de personagens de valor incontornável – e Álvaro Cunhal é uma delas (com Salazar, Mário Soares e poucos mais). O líder histórico do PCP viveu 61 anos em ditadura e 30 em democracia. Um ano depois do fim da URSS deixou a liderança do partido.

1913

Álvaro Cunhal nasce em Coimbra no dia 10 de novembro, filho de Avelino Cunhal, advogado de profissão, republicano e liberal, e de uma mulher muito católica, Mercedes Simões Ferreira Barreirinhas Cunhal. Passa a infância em Seia e aos 11 anos vem viver para Lisboa, estudando no Liceu Camões.

1931

Filia-se no PCP (fundado em 1921). Tem 17 anos. O partido, na clandestinidade desde 1926, era então liderado por Bento Gonçalves, que morreria em 1942, no campo de concentração do Tarrafal. Eleito secretário-geral da Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas, passa a ter assento no Comité Central do PCP. Passa à clandestinidade e em 1936 viaja pela primeira vez para Moscovo.

1937

A 20 de julho é preso pela primeira vez. Ao todo, até ao 25 de Abril, Cunhal esteve preso 15 anos, oito dos quais em isolamento. Em 1939 seria colocado a cumprir serviço militar na Companhia Disciplinar de Penamacor.



1940

Estando preso, é escollido à Faculdade de Direito apresenta a sua tese de (sobre o aborto). Foi cla 16 valores e do júri fazi Caetano. É libertado ne dar aulas para o Colégi onde conhece Mário Sc para o partido). Envolve profundamente na cha "reorganização de 1945



Manuel Alegre (de costas), em foto de uma reunião com Álvaro Cunhal em 1975, foi militante do PCP de 1957 a 1968. Em 74 filiou-se no PS

“Ele perguntou-me, a sorrir: ‘Vossa Excelência é servida?’”

1 Conheci Álvaro Cunhal em Moscovo, no verão de 1964, por ocasião do Festival Internacional da Juventude. A delegação portuguesa, de que eu fazia parte, estava reunida para um encontro “importante”. Quando ele entrou, percebi logo quem era. Não por se dar ares de “importante”, mas, pelo contrário, por uma reserva e uma sobriedade senhorial, algo que uns têm e outros não, um não sei quê que talvez se possa definir como carisma. Fui escolhido para intervir no início de solidariedade com os povos em luta. Redigi um texto numa prosa um tanto pomposa, no estilo da retórica das assembleias estudantis. Cunhal veio ter comigo e disse-me, com delicadeza, que o texto continha proclamações abstratas. Era preciso dar-lhe um tom mais despojado e explicar a situação concreta do País. Fiquei atabalhado e tentei um novo texto que entreguei para ser datilografado e traduzido. No dia seguinte trouxeram-me o texto corrigido. A bem dizer era outro, e muito melhor. Compreendi quem era o autor. Perguntaram-me se eu concordava, disse que sim e fui fazer a intervenção. “Belo texto”, disse-me um camarada funcionário no final. “Cunhal sabe o que faz”, respondi.

2 Pouco tempo depois reencontrei Álvaro Cunhal na III Conferência da Frente Patriótica, em Argel, finda a qual nos instalámos em casa de Pedro Ramos de Almeida, que era, então, o representante

oficial do PCP na Frente. Ali vivemos os dois um mês e tal. A certa altura, o Pedro e a família tiveram de se ausentar. Foi então que descobri um outro Cunhal. Era um homem muito culto, gostava de conversar sobre livros, pintura, cinema, Shakespeare, que conhecia muito bem. Quis saber mais de mim, mas também falou de alguns aspetos da sua vida. Tinha uma grande ternura pelo pai, de quem falava com saudade. E tinha um inesperado sentido de humor. Uma manhã deixei-me dormir e fui acordado por Álvaro Cunhal, que trazia o pequeno-almoço numa bandeja e me perguntou a sorrir: “Vossa Excelência é servida?” Fiquei envergonhadíssimo e convencido de que ele me estava a dar uma lição. Talvez. Mas creio que ele estava sobretudo a divertir-se. O certo é que, enquanto ele lá esteve, nunca mais acordei tarde.

3 Encontrei-me outras vezes com ele, em Paris. Mas conto um último episódio, já muito depois do 25 de Abril e das desavenças que tivemos. Eu estava no Hospital dos Capuchos, onde tinha sido operado pelo meu amigo Rui Macedo. Uma manhã, grande alvoroço no hospital. Álvaro Cunhal tinha telefonado a saber do meu estado. Dois dias depois, novo reboliço: um telegrama de Álvaro Cunhal a desejar-me as melhores. Dir-se-á que nada disto tem que ver com política. Eu acho que tem. E muito.

“Nunca entrei nem nunca saí do PCP”



Carlos do Carmo
Fadista, 74 anos – e 50 de carreira, que estão a ser celebrados

A minha relação com Álvaro Cunhal é de afeto, além da grande admiração que tinha pelo seu trajeto intelectual e humano. Falámos imensas vezes e, raramente, de política. Ele nunca me pediu para eu entrar no PCP, teve essa sensibilidade. Eu sou um artista e pelo meu temperamento, por certo, não respeitaria em certas circunstâncias a disciplina partidária. Se me tivesse inscrito, pelas razões que acabo de dizer, já teria saído. Assim, nunca entrei e nem nunca saí do partido. A arte, por vezes, aparecia nas nossas conversas. Gosto muito dos seus desenhos de prisão. Quando nasceu o meu primeiro neto, o Sebastião, fui à sede do PCP para ele me autografar um dos trabalhos: “Isso é complicado. Se assino para um, tenho de fazer o mesmo para os outros.” E assim foi, os meus quatro netos têm, cada um deles, um desenho de prisão assinado pelo autor.

De fato falámos algumas vezes. Quando saiu o meu álbum “Mais do Que Amor É Amar”, um disco de fado tradicional em que eu canto, pela primeira vez, Fernando Pessoa, Antero de Quental, Carlos de Oliveira, José Saramago e Pedro Homem de Melo, entre outros, Cunhal mostrou-se muito curioso por um ter incluído um destes poetas: o Antero, que lhe era uma figura muito cara! Conheci-o pouco depois do 25 de Abril, ao certo não lembro o local, mas foi numa festa do PCP onde eu teria ido cantar. Alguém nos apresentou, e aquele olhar penetrante e o aperto de mão vigoroso não metiam medo – ele percebeu eu não tinha medo do “papão”. Depoimento recolhido por Francisco Mangas



ODETE SANTOS,
Protagonista na luta do PCP pela despenalização do aborto

“Só com rebeldia não se chega lá”

Aquela dedicatória teve muita piada. Para Odete Santos, rebelde quanto bastar, escreveu-me Álvaro Cunhal. Achei que foi para me dizer que a rebeldia tinha um limite. Veio na sequência de uma conversa que tivemos, na Soeiro Pereira Gomes, depois de eu ter ido ao programa de Herman José, no Teatro São Luís, em que disse o poema “Calçada de Carriche”, de António Gedeão. Cunhal disse-me que eu tinha falado demasiado na Igreja. Ele não gostava de afrontar os católicos.

Viria a acrescentar mesmo que o Herman era a única pessoa no País que podia criticar a Igreja. Por acaso, aqui enganou-se um bocadinho (risos), porque o Herman acabou por ser punido por causa da histórica entrevista à rainha Santa Isabel. Mas garanto que tenho procurado seguir o conselho que ele me deu naquela dedicatória. Tinha muita razão, porque só com rebeldia não se chega lá. Percebi que é importante respeitar as regras com o pensamento mais frio que caracterizava Álvaro Cunhal, conseguindo reprimir aqueles ânimos mais repentistas.

Depoimento recolhido por Roberto Doria

No ca

Paris, 196, setembr promessas, e Primavera a dealbar do a protestos e a lhões de tral; pautaram ti nós, a oposiçã o das eleiçã o seguinte com a conv. Gaulle de ele a ordem esta e a abrupta i pelos tanquibros do Pacto irremediável e insanáveis e quer veleidade Partido Con

Foi neste c ro Cunh zado em pa horas da caq tâncias de cl a preceito, q rir, de tal for e bem, a anos. O encon rios da oposi era o meu ca nava-se a ac as eleições d dos quando desapo”, em nou-me logi cia, rapidez, i modos elega ser, desde log implacável, nição, sem d dos de alma sinto um gel forma como Cardoso, o d um rigor friu soviética na

Lisboa, 19 Lições aut cretário-gen candidatar- ra uma out maior arroji a negociação com o PCP e queda – a o período, de i após a vitória tivamente i Cunhal, em

1943

ado pela polícia de Lisboa, onde licenciatura ssificada com parte Marcelo esse ano e vai o Moderno, iares (que leva e se mada 1/51) do PCP.

Entre 10 e 13 de novembro decorre no Monte Estoril o III congresso do PCP (1º na clandestinidade). Foi consagrada a reorganização de 40/41. O partido adapta a estrutura à clandestinidade e purifica-se ideologicamente. Cunhal ascende ao secretariado do PCP. Formalmente, o partido não tem líder.

1949

É preso em março pela PIDE, juntamente com Militão Ribeiro e Sofia Ribeiro, na casa que ocupava no Luso (distrito de Coimbra). Julgado entre 2 e 9 de maio do ano seguinte no Tribunal da Boa Hora, procurou inverter os papéis e transformou-se de acusado em acusador do regime de Salazar. Foi nessa altura que se afirmou como um "filho adotivo do proletariado". Até 1953 esteve preso na Penitenciária de Lisboa — estabelecimento que lhe inspiraria, sob o pseudónimo de Manuel Tiago, o romance *A Estrela de Cinco Pontas*. Nesse ano foi transferido para a Fortaleza de Peniche. Entre os 35 e os 46 anos, Cunhal está preso. Produz extensa obra artística — os chamados "desenhos da prisão" — e traduz para português o *Rei Lear*, de Shakespeare.

1960

A 3 de janeiro, Cunhal, juntamente com outros camaradas do PCP, protagonizaria a célebre fuga de Peniche — um rombo sério no regime salazarista. Em dezembro nasce a filha única de Álvaro Cunhal, Ana, sendo a mãe a militante comunista Isaura Moreira. Cunhal passa os dois anos seguintes em Portugal, na clandestinidade, saltando de casa em casa.



1961

Em março, Cunhal é eleito secretário-geral do PCP, numa reunião do Comité Central. Combate supostos desvios internos de direita, cujo principal protagonista fora, na década de 50, Júlio Fogaça. Preso em 1960, Fogaça foi afastado em 1961 do PCP. O partido sempre negou oficialmente que esse afastamento tivesse sido motivado pela sua homossexualidade.

Amboio das memórias

8. Estávamos no início de 1968, um ano cheio de expectativas e sonhos — a Primavera de Praga começara logo no ano, seguiram-se depois os greves estudantis e de mineiros em França, que no mês de Maio; entre não lançara-se na preparação de Mas chegados ao verão, a situação pelo general de Gaulle para Junho, a invasão da Checoslováquia pelos soviéticos e pelos memos de Varsóvia criou uma incomodidade, abrindo divisões e esmagando qual-que de convergência com o comunista.



JORGE SAMPAIO
Presidente da República de 1996 a 2006, que foi também líder do PS e presidente da Câmara de Lisboa de 1989 a 1997

cidade, que me eram comunicados em cima da hora, num jeito herdado dos tempos da clandestinidade, rodeado de precauções e secretismo, mas que revestia o mérito considerável da discrição e da reserva, da certeza de que nada transpiraria que pudesse pôr em causa a aplicação do acordo, bem longe do mediatismo que hoje parece ser regra. As reuniões decorreram sempre em lugares anónimos, como se o importante estivesse todo centrado nas pessoas e não no ambiente circundante, completamente descaracterizado. Mas do dr. Álvaro Cunhal retenho sempre a mesma imagem: uma porta que se abria e donde assomava com a sua pose distinta, a clareza firme da sua argumentação e o carácter definitivo das suas posições, pouco dado a tergiversações ou a condescendências. Verdade é que foi assim, negociando passo a passo, que lográmos um acordo que viu a esquerda, pela primeira vez desde o 25 de Abril, concorrer unida a umas eleições. Eleições que, de resto, como é sabido, resultaram numa maioria absoluta que permitiu, depois de uma década nas mãos da direita, recuperar a Câmara de Lisboa e dotar a nossa capital de uma nova política, colocando os interesses da cidade e dos municípios acima de meros interesses partidários.

No centenário do seu nascimento, é-me muito grato recordar estes dois momentos e partilhá-los com os leitores, em jeito de homenagem ao político, mas também ao homem de cultura e arte que o dr. Álvaro Cunhal revelou ser, e que não cessa de nos surpreender, como se tivesse pretendido contrapor à sua grande previsibilidade como líder político, a sua inesgotável imprevisibilidade como homem e artesão de cidadania num sentido muito vasto.

Contexto que conheci. Álvaro, num encontro organizado incerta a cerca de duas milhas francesas, em circunstâncias clandestinas, montadas que hoje chegam a fazer sorri- na a liberdade entrinhou, sa forma de estar no mundo, que reunia sempre visão quer do interior, como isão, quer do exterior, destier- taria uma estratégia para e 1969. Já lá estávamos to- Cunhal chegou num "boca pose de Estado. Impresio- o pela sua grande inteligên- de raciocínio e pelos seus ntes. Revelou-se também o, um negociador duro, nas suas opiniões e na defi- ireito a dúvidas nem esta- , de orientações. Ainda hoje o quando me recordo da , a meu pedido e do Lopes r. Cunhal defendeu, com e cortante, a intervenção Checoslováquia...

89. Preparavam-se as eleições. Eu era então se- al do PS e tinha decidido me a Lisboa. Depois, toma- decisão, porventura de a ainda, a de avançar para o de um acordo político as principais forças de es- ligação "Por Lisboa". Deste ntensa atividade negocia- a da coligação, recordo dis- bem os encontros com o dr. locais sempre incertos da

O líder e a rainha



ABÍLIO FERNANDES
Histórico autarca do PCP em Évora (entre 1976 e 2001)

Recordo-me bem do dia em que recebi a visita de Álvaro Cunhal à Câmara Municipal de Évora. Terá sido no início do meu segundo mandato, nos primeiros anos da década de 80. Álvaro Cunhal chegou, esteve muito tempo connosco e quis ouvir as nossas preocupações, as minhas e as dos restantes vereadores. Ao longo da reunião ia tirando notas, e eu, com alguma ansiedade, estava sempre à espera de lhe ouvir um qualquer comentário negativo ou alguma crítica. Ele não perdoava qualquer falha do ponto de vista dos princípios ou da orientação política e, embora com correção, apontava sempre esses erros com muita clareza. A verdade é que a reunião realizou-se e deixou-nos elogios à forma como a câmara estava a ser gerida. Foi um grande momento de gestão autárquica. Alguns anos depois, recebi na câmara a visita da rainha de Inglaterra, símbolo do império britânico, com toda a riqueza e ostentação. Mais tarde encontrei o Álvaro Cunhal numa reunião do partido e, também aí, fiquei à espera de uma palavra menos simpática. Pelo contrário: disse-me que tinha sido uma visita importante para a cidade. Um grande homem com uma grande visão do mundo. Depoimento recolhido por Luís Godinho



ILDA FIGUEIREDO inscreveu-se no PCP a 25 de abril de 1974

Defesa do direito das mulheres

Conheci pessoalmente Álvaro Cunhal após o derrube do fascismo, em 1974. Mas só mais tarde, quando assumi o lugar de deputada do PCP, em 1979, partilhei com maior proximidade a sua participação em reuniões do grupo parlamentar na Assembleia da República ou na sede do Partido, onde se destacava a sua capacidade de intervenção e análise rigorosa da evolução, quantas vezes contraditória, da situação portuguesa. Na preparação da Conferência do PCP "Portugal e o Mercado Comum", no Porto, pude apreciar a forma como valorizava e incluía na sua própria reflexão e intervenção política o trabalho de todo um coletivo, cujas conclusões tive a honra de apresentar. Essa conferência histórica, no Palácio de Cristal, Cunhal encerrou-a com um discurso em que sublinhou algo que hoje se entende ainda melhor: "Os países do Mercado Comum defendem os seus interesses próprios e a esses interesses estão prontos a sacrificar os interesses dos outros países." Ao longo dos anos tive experiências importantes da solidariedade de Cunhal, aliada a uma enorme capacidade de integração do trabalho individual no trabalho coletivo, de que destaco a realização da conferência do PCP sobre a "Emancipação da mulher no Portugal de Abril", a 15 de novembro de 1986. O seu papel nesta conferência, tão importante para a luta das mulheres pelo direito à igualdade de direitos e oportunidades, foi algo que me marcou para o resto da vida. Não esqueço o seu apoio fraterno e caloroso quando fui o primeiro nome da lista da CDU ao Parlamento Europeu.

O eu e o outro



MÁRIO DE CARVALHO
Escritor, 59 anos, militante do PCP desde os anos 60

As grandes figuras da história têm uma aura à sua volta, enformada de clichês e ideias feitas. Os estereótipos firmam-se melhor do que os factos provados. Em 1974, Álvaro Cunhal, decerto mal aconselhado, foi entrevistado por uma jornalista italiana espantosa, chamada Oriana Fallaci. O resultado foi um Álvaro Cunhal inventado, irreconhecível, para quem lhe sabia a maneira de estar e de se exprimir, em privado e em público.

Numa reunião, ampla, em que então participei, no hotel Vitória, Álvaro Cunhal comentava: "Essa senhora pôs na minha boca coisas que eu não diria aos meus camaradas mais chegados." Era verdade. A entrevista foi um triste exemplo de miséria do jornalismo, com aproveitamento imediato — para isso servia — por adversários políticos. Mário Soares e Santiago Carrillo mencionaram-na, para desabono de Cunhal e, pensando bem, em desabono maior de si próprios.

Poucos havia com um discurso tão controlado como Álvaro Cunhal. Não foi casualmente que em reuniões participadas e abertas contou, com humor, episódios dum visita oficial à Coreia do Norte. Os exemplos da devoção por Kim Il-Sun relatados num tom expressivo, ágil, sem comentários, fizeram rir uma sala inteira. Ao contrário do que tem sido insinuado (o tal clichê peganhento), Cunhal abominava o culto da personalidade. Recordo-me de ter feito má cara quando quiseram impingir-lhe um bolo, no dia dos anos. Omitia sempre que possível o "eu, me, mim, migo, comigo". Atribuída ao culto da personalidade o terror estalinista e aí fazia radicar — equivocadamente — todas as falhas do mundo socialista.

Transparecia a nota pessoal quando, em reuniões de intelectuais, revelava, discorrendo, o entusiasmo pela arte, a vivência pessoal da pintura e da literatura. Então, era visível a sua transfiguração. A um olhar atento.

PCP

1962

É enviado para o estrangeiro (de onde só regressará a título definitivo depois do 25 de Abril). Em 1968 demonstra a sua influência no movimento comunista internacional presidindo a uma conferência de partidos comunistas da Europa Ocidental.

1974

Regressa a Lisboa, a 30 de abril. Aterra na Portela e é apoteoticamente recebido por milhares de pessoas junto ao aeroporto. Mário Soares vai recebê-lo. Cunhal sobe a um blindado e discursa ao povo - recriando-se uma imagem que remeta para a iconografia de Lenine na Revolução Russa de 1917. Cunhal será ministro sem pasta dos quatro primeiros governos provisórios.

1975

Precisamente um ano depois da revolução realizam-se as eleições para a Constituinte. Os comunistas ficam desiludidos: 12,4% dos votos (cerca de 710 mil, no total), atrás do PS e do PSD, com 30 deputados eleitos (num total de 250). O melhor resultado legislativo da história do partido seria obtido em 1979 (liderando a coligação Aliança Povo Unido): 18,8%, mais de 1,1 milhões de votos, 47 deputados.

1991

A 25 de dezembro, a URSS desaparece, dois anos depois da queda do Muro de Berlim. Em 2000, Cunhal assumiria o fim do império soviético como uma derrota. E "amarga" era "uma palavra muito pequenina" para a descrever, segundo disse à jornalista Maria João Avillez.

1992

Entre 4 e 6 de dezembro realiza-se em Almada o XIV congresso do PCP. Álvaro Cunhal deixa a liderança, passando o testemunho a Carlos Carvalhas.

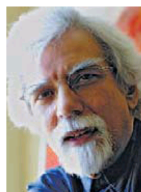
1995

Em dezembro, Cunhal assume publicamente o que muitos já sabiam: é ele o Manuel Tiago que assinou romances como *Até Amanhã*, *Camaradas* ou *Cinco Dias*, *Cinco Noites*.

2005

No dia 13 de junho, Álvaro Cunhal morre, em Lisboa. Tinha 91 anos. O cortejo fúnebre tornar-se-á a maior manifestação que Lisboa alguma vez viu. Foi cremado no Cemitério do Alto de São João.

Sequências



JOSÉ MANUEL MENDES
Escritor, 65 anos, antigo deputado do PCP

Poderia começar assim: vou de táxi, entre a Renato Baptista e São Domingos à Lapa, toca o telemóvel. Jardim do Tourel, bulício, ramalhar das árvores. Oíço a voz que me procura, ficamos conversando a propósito de um livro e, em seguida, cinema, Mikhailov na televisão. As emergências do momento democrático, inverno em lume da nossa temeridade. E prosseguir, anos atrás: entrego-lhe fotocópia das cartas por ele destinadas a Abel Salazar, bebemos café e digo, numa margem oposta a qualquer sisudez: conheço as regras do Código Civil relativas à publicação das correspondências. Vejo-o sorrir. Justapõe: eu também. E ponderamos as controvérsias sobre estética e compromisso, aceradas numa época de interdições e urgência antifascista. Ou, encurtando hipóteses, década e meia volvida: o correio traz-me um exemplar da 3.ª edição do ensaio *As Lutas de Classes em Portugal nos Fins da Idade Média*. Leio a dedicatória, caligrafia exímia, janeiro de 98, e início o reencontro com abordagens que conhecera no pós-Abril. Dias adiante, sob a égide do Fernão Lopes e dos futuros que há na *Crónica de D. João I*, falamos da história e dos seus movimentos, das metodologias para a restituição e análise do acontecido, desse caminho pedregoso que foi escrever na contingência: masmorra, hediondez do tempo.

Econtinuar, no indicativo presente, pela intersecção de folhagens. Longos diálogos numa das salas na Soeiro Pereira Gomes: literatura, música, artes plásticas, filmes. Identificamos ao acaso os desatendidos, Namora ou Dionísio, Fellini, Shostakovich, Kandinsky. Entendo finalmente o frenetir de enredos contra Aquilino, "sem contributo, aliás, do PCP", alude à mensagem enviada ao autor pelos presos políticos de Peniche, 1963. Debates a atualidade. Mesmo quando ela nos colhe em lugares que não coincidem. E estamos, com bastantes outros, no Parlamento, nos comícios, nas reuniões, nos bastidores de palcos: viver concreto da democracia.

Mas quero esta última sequência: lado a lado na noite, paredes coalhadas pelo frio. Sentamo-nos à mesa, as pessoas pela frente, cadeiras zunindo. Sombras, sabes?, pouco mais, os óculos já nada conseguem. Apresento o escritor. Agradece, responde a quem o interpela. Despede-se ao cabo de horas, no rosto os grãos da fadiga, do contentamento. Abraçamo-nos, percorre, amparado, a distância. Entra no carro, ergue a mão direita numa saudação que acompanha, por detrás do vidro, o instante da partida. E atravessa o nevoeiro, a luz da rua.



CARLOS BRITO, 80 anos, militante no PCP (de que foi afastado em 2002) desde a juventude

Poder sobre a chuva

As saídas de Álvaro Cunhal eram famosas. A estrada constituía um terreno predileto para as suas intervenções. O contacto pessoal com o povo, o que mais salientava. Raramente se deslocava de Lisboa para ir a uma só localidade ou participar numa só iniciativa. Saía para uma volta, quase sempre nos três dias do fim de semana, a começar à sexta. Estanciava em várias terras e intervinha em várias iniciativas. É uma dessas viagens que lembro no dia dos 100 anos do seu nascimento. Tratava-se de um comício em Faro, onde ia fazer o discurso de fundo, num espaço ao ar livre. Aconteceu que na manhã do dia do comício chovia como raramente chove no Algarve. Pensámos, os algarvios, que o comício ia ser um desastre. Fui encarregado de ir receber o secretário-geral, que vinha de uma volta pelo Alentejo, à entrada do Algarve. O encontro era numa pequena aldeia da serra - Giões - onde na altura a CDU ganhava todas as eleições. Na aldeia também chovia, quando cheguei junto de Cunhal desabafei:

- Em Faro chove a cântaros, o comício vai ser um fiasco...

Respondeu-me, com ar confiante:

- Não penses nisso. O tempo vai levantar, vamos ter uma bela tarde de sol.

Realizou-se um encontro com a população e continuámos a viagem. Eu a suspirar as minhas preocupações. Ele a glosar a bela tarde sol e a desfiar um imenso relatório de charadas, adivinhas e outros jogos de adivinhação.

Quando chegámos a Faro, soubemos que já há uma hora estava sol. Vimos o espaço do comício repleto. Então ele observou-me, muito divertido:

- Ainda duvidas do meu poder sobre a chuva?

Do que eu não duvidava era daquela sábia gestão otimista das más notícias.

Não levar o Bentley



HERMAN JOSÉ
Comediante, 59 anos, estreou-se como ator em 1974

Orepto para o meu encontro com Álvaro Cunhal na Soeiro Pereira Gomes foi-me lançado pelo Fernando Tordo, e eu agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Num mundo de egoístas, sempre me fascinaram seres humanos que prescindem das suas benesses e luxos a favor de causas que acreditam ser para bem dos mais fracos e desprotegidos. Claro que jamais me passaria pela cabeça gastar um segundo que fosse dos quase 90 minutos que durou a nossa reunião a divagar sobre alguns pormenores inquietantes que vivera anos antes na alinhadíssima Bulgária. E muito menos ceder à tentação de lhe pedir opinião sobre um sistema em que todos deveriam ser iguais, sendo certo que à altura, no estado soviético, uns eram tão mais "iguais" do que os outros que ostentavam vidas de luxo que ruborizariam qualquer Czar decadente por excesso. Assim, disse-lhe o muito que pensava em resposta à questão: "O que é que acha que o movimento comunista pode fazer para captar a juventude?" Sem nunca mentir, mas tentando nunca ser inconveniente. É importante explicar, que à altura, eu gozava um estatuto de "herói das novas gerações" pelo meu passado artístico inconformado e irreverente. Ainda não havia sucumbido à minha vertente "novo rico" - o que felizmente já ultrapassei -, mas que foi essencial à construção da 'persona' que sou hoje. Duvido que o camarada Álvaro tolerasse um 'Bentley Continental' descapotável à porta da sede do seu partido. Fiquei fascinado com a elegância, a simpatia, a capacidade de ouvir, a bondade no olhar e, sobretudo, o agudíssimo sentido de humor. Nunca se riu nem sorriu por razões diplomáticas, mas antes porque - como quase todos os espíritos superiores - cultivava a ironia como característica maior da racionalidade. Lembrou-me de cada minuto do nosso encontro, e na minha galeria de emoções é um momento que ocupa um espaço de obra de arte primodivisionária.